



II CONEDU
CONGRESSO NACIONAL DE EDUCAÇÃO

**PENSARES, OLHARES E SABERES DO FEMININO NA EDUCAÇÃO DE JOVENS
E ADULTOS COMO REPRESENTAÇÃO DE MULHERES QUE ESCREVEM
SOBRE SI**

Hérgiton Teodomiro Linhares Maia

União de Instituições para o Desenvolvimento Educacional, Religioso e Cultural, hergitonm@yahoo.com.br

Maria Adelma Silva Jerônimo

*União de Instituições para o Desenvolvimento Educacional, Religioso e Cultural,
mariaadelmasilva25@gmail.com*

Joana D'Arc Bezerra de Souza

Universidade Federal de Campina Grande, joana.anjo@gmail.com

Dr. Matusalém Alves Oliveira

Resumo: É bastante peculiar a noção de mundo de uma mulher que retorna aos estudos depois de adulta, após anos afastada do espaço escolar, ou mesmo daquela que inicia sua trajetória escolar nessa fase da vida. Quem são essas mulheres que escrevem sobre si? Como são representadas essas mulheres? Este trabalho objetivou-se em compreender a importância das representações sociais, a educação escolar, sua ação transformadora e reparadora na vida das mulheres como forma de suprir traumas inconscientes gerados durante o período longe do ambiente sapiencial, demonstrados nos relatos escritos. Este trabalho foi realizado na Escola Estadual de Ensino Fundamental e Médio Antônio Guedes de Andrade, com treze alunas da Educação de Jovens e Adultos. Os resultados obtidos pontuaram fatores para uma aluna poder abandonar os estudos: mudanças na área escolar, envelhecimento da população, mudanças nas estruturas familiares, deslocamento dentro de uma região, aumento da pobreza, sexo, gravidez, entre outros, evidenciaram a necessidade de recuperar a estima dessas senhoras, emancipá-las educacionalmente.

Palavras-chave: Mulher, gênero, Educação de Jovens e Adultos, representação social, ação transformadora, relatos escritos.

INTRODUÇÃO

Observando a história sobre o gênero feminino e suas representações sociais, percebe-se que estas foram negligenciadas durante o processo histórico da humanidade, variadas e diversificadas concepções foram construídas decorrentes de uma multiplicidade de fatores, um deles efetivamente é a escassez de fontes documentais relativas à figura feminina e o seu universo social.



As palavras expressam as dialéticas experienciadas de mulheres, onde suas realidades forjam uma linguagem do não dito, mas vivido. Ao descobrir a história do silenciado, nas entrelinhas dos escritos destas, encontram-se nos labirintos de palavras centelhas de verdades. As mulheres que representam a Educação de Jovens e Adultos são aquelas que veem a escola não apenas como lugar para credenciarem-se ou aprenderem, mas também como espaço de convívio social e de promover a resiliência. Frequentando a escola pode-se mudar de status, tornarem-se estudantes, encontrar colegas, conviver com outras pessoas, modificando o seu meio e conseqüentemente o de sua família e de sua comunidade.

Trabalhar com escritos e oralidade do universo das mulheres leva, necessariamente, a tecer considerações acerca das representações sociais e das relações de gênero. Elencando todo esse retrospecto em torno do gênero “mulher”, especificamente as mulheres alunas da Educação de Jovens e Adultos da Escola Estadual Antônio Guedes de Andrade em Campina Grande – PB. Evidenciando a necessidade de entender o processo de representatividade destas e os motivos que as levaram a espolar-se do âmbito escolar nos anos iniciais, seus traumas inconscientes, como foi seu processo de resiliência escolar, o que efetivamente fizeram durante esse espaço de tempo extra educacional e quais as causas, conseqüências ou ações que as impulsionaram a retornar ao meio sapiencial.

Nessa perspectiva, o objetivo geral deste artigo foi realizar um estudo investigatório da trajetória de vida das mulheres entre trinta e quarenta e cinco anos alunas da EJA, para entender como essas se representam socialmente através de escritos e relatos de memórias com a dialética educacional, compreendendo a importância das representações sociais e a educação escolar e sua ação transformadora e reparadora na vida das mulheres como forma de suprir traumas inconscientes gerados durante o período longe do ambiente sapiencial, demonstrados nos relatos escritos.

Para estabelecer um referencial teórico psicossocial e educacional que fosse capaz de sistematizar o proposto como dialética de investigação, tornou-se importante conhecer e analisar, a partir de uma leitura aprofundada nas esferas da educação, Psicanálise, da historicidade do gênero mulher e das representações sociais. Dessa forma, buscou-se norteio para explicar os caminhos deste artigo com abordagem qualitativa, para analisar como se



representam as alunas/mulheres da Educação de Jovens e Adultos da Escola Estadual Antônio Guedes de Andrade na zona rural de Campina Grande - PB, baseando-se em escritos e relatos de memória das referidas educandas.

Por último, foram expostas as considerações finais, procurando produzir um conhecimento sobre como as mulheres alunas da Educação de Jovens e Adultos são representadas, buscando uma correlação com os preceitos psicanalíticos e educacionais, enfatizando os conceitos estruturais da teoria das representações sociais.

Concepções Históricas da Função da Mulher na Sociedade

Muitas ideias sobre o gênero feminino e suas representações foram negligenciadas durante a formação histórica da humanidade, assim como variadas e diversificadas concepções construídas deste gênero. Decorrente de uma multiplicidade de fatores, um deles efetivamente é a escassez de fontes documentais relativas à figura feminina e o seu universo representativo social. Segundo Beauvoir (1980), toda a história das mulheres foi feita por homens. De acordo com Priore (1998), deve-se identificar a mulher em cada lugar observável, nomeá-la, reconhecê-la e compreender em que circunstâncias ela foi espoliada na sua relação oficial com o mundo masculino.

O percorrer das histórias de vida das mulheres adultas leva-nos a considerar que as alunas da Educação de Jovens e Adultos têm: sexo, raça, religião, nacionalidade, como também estão inseridas em relação de gênero. Segundo Soares (2003), o gênero é mais uma especificidade a ser incluída na realidade do público dessa modalidade de educação. De acordo com Louro (2000), gênero é uma construção social feita sobre as diferenças sexuais. O interessante não é propriamente a diferença sexual, mas a forma como essa diferença é representada ou valorizada, aquilo que se diz ou se pensa sobre a mesma.

Gênero e sexo são conceitos bem diferentes, já que sexo remete-se às diferenças anatomo-fisiológicas existentes entre os homens e as mulheres; e gênero, por sua vez, remete-se à maneira assumida pelas diferenças entre mulheres e homens nas diferentes sociedades, no transcorrer da história (CARVALHO; BASTOS, 2004). Assim, é preciso compreender os



gêneros como algo em construção contínua dentro da sociedade e, portanto, depende da história e das circunstâncias (LOURO, 2008).

Nesse sentido, Carvalho e Bastos (2004) descrevem a escola, hoje, como espaço social para a formação de homens e mulheres, caracterizando-o como um espaço generificado, atravessado pelas representações sociais e de gênero. Em nosso país esse espaço foi a princípio, predominantemente masculino e da raça branca. Com a evolução social e cultural a escola viu-se obrigada a acolher meninos de outras etnias e mulheres. A escola foi obrigada a transformar-se.

Segundo Louro (2000), a escola modificou-se sem alterar suas características principais, como a de constituir-se como um espaço diferenciador. Soares (2003) desenvolveu um estudo sobre a influência da condição feminina na busca de escolarização na idade adulta. Mulheres que, segundo ela, enfrentam todas as dificuldades para conseguirem matricular-se e permanecer em um Curso de EJA. São mulheres que chegam à escola com crenças e valores já constituídos, com sua representatividade social delimitada.

A Educação como Representação Social

Cognominar Educação de Jovens e Adultos, antes de tudo, é determinar o que seria essa modalidade de educação e a quem abrange. A EJA é um sistema de ensino utilizado na rede pública brasileira para o enquadramento de jovens e adultos na educação. A Educação de Jovens e Adultos tem o propósito de desenvolver o Ensino Fundamental e Médio com qualidade para aqueles que não estão mais em idade escolar (ARAÚJO, 2011).

Oliveira (2001) explicita jovens e adultos como um grupo homogêneo de pessoas provenientes de áreas empobrecidas, filhos de trabalhadores não qualificados, com baixo nível de instrução escolar. De acordo com Lima (2010), o ensino da EJA busca promover a inclusão educacional e social de uma demanda de jovens e adultos que não conseguiram concluir os estudos em tempo normal.

Segundo Souza (2000), a Educação de Jovens e Adultos é fundamentada em três pilares: reparadora, equalizadora e permanente. A função *reparadora* tem como alvo, aqueles



jovens e adultos que não tiveram na idade adequada oportunidade de frequentar uma sala de aula, ou abandonaram-na em seu itinerário educacional, deixando assim uma grande lacuna na vida dessas pessoas ordinárias que não tiveram igualdade de oportunidade perante a lei.

A função *equalizadora* visa entrada de todos aqueles excluídos no sistema educacional, que de alguma forma ficaram de fora desse sistema, procurando uma nova oportunidade como forma de garantir uma redistribuição desses alunos. A função *permanente*, ou qualificadora, como também é chamada, busca propiciar a todos a atualização de conhecimentos por toda a vida. Esta função é um apelo para a educação permanente e criação de uma sociedade educada para o universalismo, a igualdade, a diversidade e a solidariedade. Também objetiva uma educação significativa para jovens e adultos que, em razão da escolaridade interrompida e ou defasagem cronológica em relação aos estudos, não conseguem entrar no mercado de trabalho (LIMA, 2010).

Essa é a principal função da educação: propor condição de auto crescimento, melhorando o meio onde está inserido o indivíduo que a procura. Uma educação capaz de amparar mulheres jovens e adultas e estimule a acreditarem em si, a buscar novos caminhos pessoais e profissionais, a lutar por uma sociedade mais justa, desenvolvendo seus princípios de representatividade com orgulho e serenidade, descobrindo a força oculta em seus escritos e relatos de memória, através do poder de representar-se e ser representada.

A Representação Social da Mulher

A concepção do termo representação social refere a uma imitação mental. É através do ato de representar que somos capazes de evocar uma pessoa, uma ideia, um objeto ou uma situação na sua ausência. Moscovici (2003) identificou dois processos formadores das representações sociais: a objetivação e a ancoragem. A objetivação é um processo através do qual as representações complexas e abstratas tornam-se simples e concretas. A objetivação refere-se à função de transmutar um sentido a uma figura, oferecer materialidade a um objeto abstrato, tornar físico e visível o impalpável, transformar em objeto o que é representado e ancoragem corresponde à assimilação e denominação das coisas estranhas, ainda sem



classificação e sem denominação. Ancoragem corresponde a um modo de encontrar um lugar para encaixar o não familiar, o incomum, o diferente, o fora do contexto e lhe atribuir um sentido (MOSCOVICI, 2012).

Segundo Moscovici (2003), entre várias funções das representações sociais, destacam-se quatro: função de saber (as representações sociais oferecem uma explicação e um sentido à realidade, ou seja, servem para os sujeitos explicarem, compreenderem e desenvolverem ações concretas sobre o real), função de orientação (tem a incumbência de explicação, reflete ao nível da ação, serve como guia dos comportamentos, ou seja, estabelece práticas na medida em que antecede o desenvolvimento da ação), função identitária (as representações sociais permitem ao sujeito construir uma identidade social, posicionando-se em relação aos outros grupos sociais, ou seja, as representações sociais permitem distinguir o grupo que as origina dos outros grupos) e função de justificação (as representações sociais permitem aos sujeitos explicarem e justificarem as suas opiniões e os seus comportamentos).

Relatos de Memória como Representatividade

A pessoa que escreve movimenta-se cognitivamente, refletindo seu percurso no ato da escrita, seja ele em qualquer esfera: formal, não formal e informal. Os estudos realizados acerca do trabalho com a Educação de Jovens e Adultos - EJA no contexto da educação formal trouxe a pertinência da reflexão sobre as condições e as dimensões do sentido que assumiu esta modalidade da educação básica como contexto de realização de projetos de vida de pessoas que nela efetivaram sua escolarização (SANTOS, 2012).

Thompson (1998), em suas reflexões acerca do trabalho com a história oral e relatos e escritos de memória, enquanto fonte de representação para a compreensão de processos diversos e em vários campos da ciência, apresentou a História Oral como opção verdadeira para a expansão do campo de atuação e aplicação. Portelli (2000) tece essa relação e explica que é crescente a presença das “vozes” de sujeitos sociais em variados segmentos da sociedade na condição de fonte documental.



Relatos de memória: mulheres que escrevem sobre si

O falar sobre si é para as mulheres, o espaço de fortalecimento da identidade de construir uma história pessoal, estabelecendo laços de amizade, inclusive com outras mulheres que se identificam com a sua história de vida, práticas pouco estimuladas pela cultura machista, presente nas diversas instituições nas quais a mulher encontra-se inserida. A escola, por exemplo, é um dos mais importantes espaços formativos, mas, não costuma criar elos entre o universo do falar sobre si e o escrever sobre si. Ela é estruturada para repassar conhecimento e que seu público absorva de forma coletiva esses preceitos, a instituição de ensino limita-se ao máximo abrir espaços para novas formas de conhecimentos que não esteja na grade curricular.

Para as mulheres, escrever é apropriar-se da arte para oferecer visibilidade à sua própria história e, com isso, também, ter a possibilidade de fazer migrar fatos escondidos no privado para o mundo público. Parece natural pensar na escrita sobre a vida particular como uma atividade feminina, pois ainda hoje continuam tantas vezes encarceradas em espaços particulares.

Justamente visando compreender o sistema de referências em relação aos escritos das mulheres alunas da Educação de Jovens e Adultos da Escola Estadual Antônio Guedes de Andrade na comunidade rural do Catolé de Zé Ferreira, no município de Campina Grande, na Paraíba, buscando o entendimento sobre o que essas mulheres construíram em seus imaginários com relação ao próprio significado da importância da educação e seus traumas em relação aos propósitos de abandono do aprendizado escolar em tempos de outrora, a significância do ser e do saber como forma identitária, justificadora e reparadora em seus escritos de mulheres que escrevem sobre si.

PROCEDIMENTOS METODOLÓGICOS

A pesquisa está fundamentada em uma análise qualitativa, explicitada numa estratégia



de investigação social e comportamental das referidas alunas. O procedimento deste trabalho foi dividido em algumas etapas. Iniciando-se com a escolha das alunas pesquisadas por faixa etária. Treze mulheres adequaram-se às exigências estabelecidas como: idade, frequência assídua no ambiente escolar, morar na comunidade do Catolé de Zé Ferreira, ser aluna da modalidade EJA e entender e concordar com as condições de exposição que a pesquisa poderia causar.

Depois foi proposto a essas alunas da EJA que elaborassem um memorial, onde deveriam narrar sua história, desde as primeiras lembranças, suas alegrias, dificuldades, frustrações, tudo que remetesse ao mundo pessoal e escolar percorrido em sua infância e juventude, passando pelos eventuais motivos que as levaram a escolher outros caminhos até seu retorno à escola, depois de anos desenvolvendo outras atividades, e o que as levaram a retornarem para o espaço escolar.

Dos memoriais escritos pelas alunas pesquisadas. Foram dados pseudônimos a partir de nomes bíblicos de mulheres como: *Sara, Rute, Miriam, Ester, Rebeca, Betânia, Eva, Isabel, Marta, Madalena, Ana, Salomé e Dalila*, para resguardar a privacidade e intimidade das alunas da EJA, prezando pela ética e a confiabilidade da pesquisa. E para finalizar, consistiu em examinar e analisar os escritos dos memoriais e as falas dos vídeos com base nos estudiosos e especialistas da área de Educação, Psicanálise e Representação Social, transcrevendo de forma fiel e idêntica os relatos das referidas educandas, sem modificar sua forma ortográfica e gramatical, mantendo sua total originalidade, pureza e imparcialidade.

DISCUSSÃO DOS RESULTADOS

O que será vivenciado nestes escritos e relatos orais sobre essas mulheres corresponderá a muitas falas silenciadas durante o transcorrer de suas vidas. Revelando uma visão íntima da história destas, dentro de suas próprias histórias de vida. Mas afinal, quem são essas mulheres que frequentam a Educação de Jovens e Adultos? Essa pertinente pergunta é respondida por elas mesmas em seus escritos nos memoriais:



II CONEDU

CONGRESSO NACIONAL DE EDUCAÇÃO

A história citada faz parte da vida de uma mãe, e mulher chamada XXXX, que tem por objetivo concluir algumas, que não puderam, que no seu passado, infância e adolescência lhe faltou conquistar, hoje anseia estes sonhos. (sic) (DALILA).

Minha história começa assim eu nunca tive uma infância feliz quando eu estava com 2 anos meu pai foi embora e deixou minha mãe e as minhas duas irmãs. (sic) (MARTA).

O sonhar na vida dessas mulheres ainda é o que resiste. Depois de traumas de tanto trabalho, tanta responsabilidade, de ser a viga de sustentação de sua família, não podendo sequer tecer qualquer tipo de reclamação, só restou para estas o ato de sonhar. A responsabilidade carregada em seus ombros, por demais pesadas e, mesmo assim, ainda persiste o sonho.

O não entender o que realmente é indica uma não aceitação do que se representa e ou como está sendo representada pelos outros. Conforme Abric (1998), o ato de representar vai determinar seus comportamentos e suas práticas. O fundamental no êxito da influência social é o estilo de comportamento adotado pelo agente ou aquele que busca liderar (MOSCOVICI, 2003).

É importante ressaltar que nos relatos de todas as pesquisadas, não foi constatado nenhum tipo de trauma e ou problema em questão do ambiente escolar e ou seu espaço como ambiente social e educativo. Pelo contrário, todas trazem em suas lembranças, imagens e recordações de fatos e situações importantes para a sua formação psicológica, lembranças estas que reestrutura uma ideia de segurança que em alguns casos supriu a função que o ambiente familiar se negou a criar.

Quando se refere ao motivo pelo qual essas meninas-mulheres enveredam por outros caminhos e tiveram que interromper sua caminhada educacional, são citados inúmeros fatores, dos mais prováveis aos mais injustos, como as condições econômico-sociais enfrentadas pela família, mudança de local de moradia, gravidez, casamento, trabalho, dificuldades de acompanhar a rotina de estudos imposta pela escola, dentre outras.

Estudei o primeiro mês, que foi suficiente para que eu aprende-se a escrever meu 1º nome..., mais depois do 1º mês meu pai me retirou da escola, era tempo de chuva, tinha que plantar para que pude-se comer. Voltei a estudar com 10 anos mais foi



II CONEDU

CONGRESSO NACIONAL DE EDUCAÇÃO

por pouco tempo... Já estava com 20 anos procurei uma escola e me matriculei sem avisar ao meu marido, tocava no assunto ele ficava agressivo e me espancava... Para não morrer tive que deixar mais uma vez a sala de aula. (sic) (ESTER).

Na 6ª série conheci uma pessoa muito especial e me envolvi com ele. Acabei ficando grávida ... desisti do estudo. (sic) (ANA).

Para a representação social esse fator é explicitado por Moscovici (2003) como uma função justificadora das tomadas de posição e dos comportamentos por parte dos sujeitos.

Questionadas sobre o período em que estiveram longe da escola, as alunas expressaram seus históricos.

Fui cuidar de casa e de filhos... trabalhei muitos anos sem ter condições de voltar a estudar... (sic) (BETÂNIA).

Comecei a trabalhar como babá com 13 anos... eu ficava com inveja quando as meninas da minha idade passava para ir a escola e eu lá tomando conta dos filhos dos outros, mim deu uma revolta eu chorava muito pedia muito ao senhor que um dia eu ia sair da quela vida humilhante... (sic) (RUTE).

Elucidando sobre o retorno à sala de aula, depois de vários anos, essas mulheres demonstram entusiasmo, perseverança, superação e desafios. Enfatizaram o poder transformador e representativo que a educação pode proporcionar a vida de cada uma delas.

Comecei a estudar em 2008 terminei um ano todo nunca pensava que eu tinha capacidade de está onde estou hoje, terminado meu ensino médio eu sou uma vitoriosa uma guerreira com muita força de vontade e garra de estudar. (sic) (RUTE).

Minha mãe me convidou a voltar para a escola, e ela também iria para me acompanhar. Respondi que não sentia vontade de fazer mais nada, mas ela falou com tanto carinho que me convenceu. Voltamos a estudar eu e minha mãe... Já conclui o ensino fundamental, faço o segundo ano com minhas filhas... Minha família toda estuda, minha mãe, eu e meus filhos. (sic) (MIRIAM).

Essas mulheres demonstram um interesse em ter uma identidade profissional, algo que as norteie e possa proporcionar e oportunizar uma melhoria em seu mundo social e familiar.

Vou fazer um curso profissionalizante. Tenho um sonho de fazer auxiliar de enfermagem, pois gosto muito de ajudar as pessoas. (sic) (SARA).



Pretendo fazer o curso de serviço social e vou fazê-lo... (sic) (MIRIAM).

As falas dessas mulheres guerreiras transcendem a manifestação de seus sonhos sob forma material, eles tornam-se possíveis e através destes mesmos sonhos revigoram suas esperanças em um futuro.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Foi possível realizar análises e reflexões sobre a ideia da representação social e a educação escolar como ação transformadora e reparadora na vida destas mulheres/alunas como forma de suprir os possíveis traumas decorrentes de vários fatores sociais e os resultados obtidos, identificando motivos distintos que levaram as mulheres da EJA a desistirem de estudar, dentre os quais foram elencados: desagregação familiar, casamento, maternidade prematura, mudança de domicílio, necessidade de ajudar na renda familiar, dentre outros.

Ao observar com minúcia os escritos dessas mulheres sobre o que desenvolveram durante o período em que estiveram fora da escola, ficaram representadas entre linhas, inúmeras tentativas de retorno ao meio sapiencial, interligadas com as dificuldades entrementes do dia a dia dessas alunas, mas muitas delas escolheram fazer essa fissão para suprir as necessidades daquela época, daquele momento que estavam vivendo, e algumas sentem orgulho por terem se afastado do espaço escolar para poder ajudar a sua família.

Como consequência do processo de reintegração ao convívio escolar, têm as aquisições de novos conhecimentos, de habilidades e competências, como também a conquista de novos espaços de socialização. Essas conquistas contribuem positivamente para a redefinição da condição de submissão que é imposta a estas mulheres, em seu grupo social, levando-as a uma conscientização de seu papel na sociedade, com isso, estas mulheres desenvolveram a capacidade de se alto representarem, através da independência financeira, independência amorosa e por que não, da independência dos filhos e dos parentes que



inconscientemente as controlavam.

O reingresso à escola para estas mulheres é impactante e promove transformações importantes no seu pensamento e na sua forma de ver o mundo, pois passaram a perceber uma cultura que não lhes eram acessíveis, nesse ponto onde a educação escolar e seu espaço formativo e representativo, modificaram as características sociais destas, indicando a importância da escola como um ambiente de representatividade e de descoberta psicossocial.

Ficou evidenciada a melhoria na estima dessas mulheres, após o retorno à instituição de ensino, decorrente de um resgate social promovido pela instituição, indagando a importância do desenvolvimento intelectual e psicossocial dessas mulheres-alunas da EJA. Não só pelo simples fato de estarem estudando novamente, e sim, por inúmeros fatores multissociais, como: melhoria na qualificação profissional, o aumento elevado do número de pessoas em seu grupo de convívio social, a simbiose de conhecimentos, os trabalhos motivacionais desenvolvidos na instituição, essas senhoras reconheceram-se e escolheram esse grupo como pertencente, e que o mesmo as representavam socialmente.

O retorno a essa dialética educacional resgata todos esses sentimentos de alegria e satisfação, exterminando os medos e a vergonha por não terem um grau de instrução construído dentro de um tempo formal. Estas se representam no simples fato de voltarem a estudar, despertando o hábito de sonhar, descobrindo que nunca é tarde para recomeçar.

REFERÊNCIAS

ABRIC, J. C. **A abordagem estrutural das representações sociais.** Estudos Interdisciplinares de Representação Social. Goiânia – GO: AB, 1998.

ARAÚJO, C. V. **Educação de Jovens e Adultos e a problemática da evasão escolar.** VI Seminário Nacional de Educação e Movimentos Sociais – Centro de Educação/PPGE/UFPB, 2011.

BEAUVOIR, S. **O segundo sexo.** Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1980.

CARVALHO, A.; BASTOS, L. **Um olhar sobre a Educação de Jovens e Adultos.** Belo



II CONEDU

CONGRESSO NACIONAL DE EDUCAÇÃO

Horizonte: PEMJA, COLTEC, UFMG: 2004.

FREUD, S. Algumas reflexões sobre a psicologia do escolar (1914). In: **Edição Standard das Obras Completas de Sigmund Freud**. Rio de Janeiro: Imago, 2006. (Totem e Tabu e Outros Trabalhos, v. 13).

LIMA, E. M. R. **Concepção dos professores no processo de ensino e aprendizagem**. Campina Grande – P B, 2010.

LOURO, G. L. **Gênero e Magistério: identidade, história, representação**. São Paulo: Escrituras, 2000.

_____. **Gênero, sexualidade e educação: Uma perspectiva pós-estruturalista**. 10. ed. Petrópolis: Vozes, 2008. V. 1.

MOSCOVICI, S. **A Psicanálise, sua imagem e seu público**. Petrópolis, RJ: Vozes, 2012.

_____. **Representações sociais: investigações em Psicologia Social**, 5.ed. Petrópolis: Vozes, 2003.

OLIVEIRA, M. K.. **Jovens e Adultos como sujeitos de conhecimento e aprendizagem**. São Paulo: Ação Educativa, 2001.

PORTELLI, A. Memória e diálogo: desafios da História Oral para a ideologia do século XXI. In: FERREIRA, M. M.; FERNANDES, T. M.; ALBERTI, V. (Orgs.). **História Oral: desafios para o século XXI**. Rio de Janeiro: Editora Fiocruz /Casa de Oswaldo Cruz/CPDOC-FGV, 2000.

PRIORE, M. D. **História das mulheres: As vozes do silêncio**. Historiografia brasileira em perspectiva. São Paulo: Contexto, 1998.

SANTOS, C. R. A. **Educação de Jovens e Adultos no contexto de formação do SESC – Londrina (2004-2007): projetos de vida e percursos de alunos egressos**. Londrina, 2012.

SOARES, L. **Aprendendo com a diferença**. Estudos e pesquisas em Educação de Jovens e Adultos. Belo Horizonte: Autêntica, 2003.

SOUZA, J. F. **A Educação de Jovens e Adultos no Brasil e no Mundo**. Recife: UFPE – CE NUPEP –PE, 2000.